

O Poder de Deus

* A argumentação e o contexto desta exposição são da nossa inteira responsabilidade, como aliás é nosso costume. Não se pretende ensinar ninguém, e muito menos convencer seja quem for. Apenas nos limitamos a transmitir aquilo que dá satisfação e realização espiritual à nossa alma.

* Durante esta exposição vamos usar a palavra pecado porque faz parte dos textos sacros mas que, para nós, tem apenas o significado de transgressão da lei divina, visto que a atribuição de certas situações consideradas como pecado, não o são, em nosso entender.

* Ao mencionarmos textos bíblicos, pedimos a vossa atenção para o simbolismo de que todo o conhecimento se reveste, de modo a que possamos compreender o simbolizado.

Ao longo de toda a história da humanidade, sempre encontrámos homens que se apresentaram aos povos como enviados espirituais, curando, expulsando espíritos, expressando-se com forte autoridade pessoal e dando-nos a sensação de que, através deles, emanava um poder que prendia a atenção dos ouvintes.

Traziam com eles, como objectivo, um projecto reformador dos valores estabelecidos, apelando para a necessidade de desenvolvimento e aperfeiçoamento da alma humana.

Toda a sua mensagem era a de denúncia e de encorajamento, para que o homem deixasse as atitudes e pensamentos negativos e trabalhasse para conhecer a razão de ser desta vida na morte, percebesse a ilusão de que o mundo se reveste, de que apenas serve para a alma obter conhecimento vivido, e pudesse chegar ao conhecimento de si próprio.

Essa é a condição essencial para se encontrar com o real, sendo que o real é o Deus imanente, o creador, o logos, o centro de onde tudo imana, o nome que lhe queiram atribuir, o Espírito, do qual todas as coisas fazem parte, por isso absoluto, incluindo o homem à sua imagem e semelhança.

Apelidados com diversos nomes, como feiticeiros, xamãs, visionários, profetas, avatares, etc., todos eles tinham como mensagem a existência do ser supremo, Deus, o incriado, o creador de todas as coisas, nas quais se encontra presente e é particular habitante imanente, no mais íntimo da alma humana.

Olhando o mundo por todos os seus ângulos, torna-se óbvio que a supremacia perante o seu semelhante, que a torna admirada e respeitada no mundo, se existe um poder que se manifesta em múltiplas áreas do plano hominal que, como tudo na criação, é dual. O poder visível e o invisível aos órgãos sensoriais.

A maioria da humanidade luta incessantemente pelo poder que dá a supremacia perante o seu semelhante, que a torna admirada e respeitada no mundo seja qual for o exercício desse poder. Os poderosos adoram o mundo, por isso sentem-se felizes na ignorância da sua infelicidade, adquirindo esse poder não olhando a meios e consequências dessa actuação, que conduz ao sofrimento e escravidão de outros seres e de si próprios.

Mas o que aqui vamos falar é do outro poder, do poder do espírito que se manifesta em dádiva de amor e que se expressa através da palavra poderosa e esclarecedora, da energia curadora e da excelsitude do grau evolutivo em que a alma se encontra.

Antes, porém, é necessário que nos tentemos posicionar em alguns considerandos.

Os druidas, bem como diversas escolas esotéricas, defendiam a estrutura da constituição do homem em “corpo, alma e espírito” distintamente, mas num só (estamos falando do plano evolutivo hominal).

* Parece-nos estranho que Allan Kardec não tenha expressamente referido a mesma opinião visto, presumivelmente, ter sido sacerdote druida numa reencarnação anterior, facto do qual decorre o seu pseudónimo.

* Certamente, em 1855, não seria oportuno falar sobre o assunto, tal como argumentam os defensores dos corpos de frequência vibratória do homem.

* Seria importante que os espíritas se debruçassem sobre estes assuntos, de mente aberta, isentos de conceitos fundamentalistas, procurando encontrar, sem competição e através de um estudo honesto, a solução correcta, já que a própria codificação o permite.

Segundo Paulo de Tarso a alma é o corpo do espírito, conceito que apóstolos que viveram com Jesus confirmam, nos seus Evangelhos, titulados por apócrifos.

* Os Evangelhos apócrifos, termo que, conforme o dicionário, significa “falsos; de proveniência duvidosa” são evangelhos a que, só há pouco anos, tivemos acesso. No entanto, a autenticidade destes escritos está comprovada e ninguém, de forma arbitrária e unilateralmente, poderá dizer que são falsos, por convicção ou para servir determinados interesses.

Lê-se no esotérico Evangelho apócrifo de Tiago: “(porque o pai) conhece a vontade deles (dos homens) e justamente com isso aquilo que a carne necessita, já não é ela que a deseja (a alma). Efectivamente, sem a alma o corpo não peca, da mesma maneira que a alma não se salva sem o espírito.

Mas se a alma se salva sem o mal e se salva também o espírito, o corpo torna-se sem pecado. Já que é o espírito que vivifica a alma, o corpo, pelo contrário, é o que a mata, ou seja, que ela mesma é que se mata.

* Em termos ocultos, a alma designa-se pela grande prostituta, pelo facto de, encarnada no corpo, ter cedido ao desejo, que a levou a promiscuir-se com todas as negatividades.

No Evangelho apócrifo de Filipe nos é dito que a câmara nupcial não é feita para as bestas, nem para os escravos.

Nem para as mulheres sem honra, e sim para os homens livres e para as virgens. É onde, homem e mulher se reencontram, espírito e alma se reintegram, para reconstruir o Adão original (Andrógenes).”

*Presumimos que daqui surgiu a ideia das almas gémeas, o que, a ser assim, torna inaceitável essa conclusão, visto que é a alma que se unifica com o espírito, quer esteja ela em corpo masculino ou feminino.

E mais adiante, ainda no Evangelho apócrifo de Filipe: “a alma de Adão chegou à existência por um sopro. Seu cônjuge é o espírito, o espírito que lhe foi dado é sua mãe”. E logo a seguir diz assim: “a alma e o espírito chegaram à existência partindo de água, fogo e luz por mediação do filho da câmara nupcial.

A água recebemos pelo baptismo, quando entramos para a egrégora cristã; o fogo recebemos no crisma, quando somos abençoados pelo espírito santo, e a luz recebemos na câmara nupcial, quando nos unimos ao Cristo, realizando a comunhão final com o salvador.

Para compreender o sentido esotérico destes ensinamentos que, como é óbvio, fazem parte dos esclarecimentos que Jesus em particular fazia aos apóstolos, depois de palestrar às multidões, necessário se torna saber retirar o espírito da letra e outras bases de conhecimento espiritual, para que já haja uma capacidade de compreensão intuitiva, a fim de que a nossa alma esteja aberta ao fluxo espiritual do Cristo interno, que é a fonte do poder divino na alma humana.

A terminar estes considerandos, transcreve-se o comentário que o escritor, dedicado à pesquisa da filosofia espiritual antiga e produtor de filmes, Mark Forstater, escreveu em Maio de 2003, sobre um diálogo entre Teages e Sócrates:

“Trata-se do ensinamento sem palavras, o ensinamento que é transmitido de mente para mente, de alma para alma e que é considerado no oriente como o melhor. Infelizmente Sócrates já não está entre nós para transmitir esse ensinamento pessoal, mas numa época em que o espírito e alma estão novamente a reaparecer, seu espírito sobrevive como uma inspiração para todos aqueles que acreditam que a vida sem significado nem objectivo não vale a pena ser vivida. Ele faz-nos lembrar que o conhecimento do areté, a excelência da alma, é não apenas a mais elevada forma de conhecimento a que podemos aspirar, mas que nos pode conduzir a novas concepções de bondade e beleza com as quais podemos começar a sarar as nossas próprias feridas e as do mundo ”.

*O areté (virtude, excelência) faz parte da filosofia moral que trata da virtude, da sua natureza e dos meios próprios de a possuir.

De facto, não faz sentido que os seres, depois de milhares de vidas de aprendizagem nos mundos da forma, nascendo e morrendo, seres que são feixes de sentimentos, onde se misturam o ódio e o amor, que trazem sofrimento e dor, acabem diluídos sem que tudo porque passaram não tenha um objectivo de vida individualizada, na unidade do todo. Deste modo, o Deus do amor que é, seria um Deus cruel e caprichoso que se deleitava a apreciar, para gáudio da sua distração e prazer mórbidos, a existência dos seres que criou, como qualquer imperador romano em pleno circo.

* Há uns bons anos atrás, perguntámos a um irmão nosso que, no nosso entender, é um conhecedor intelectual da doutrina espírita, talvez o melhor que temos no nosso país, se distinguia a alma do espírito. A resposta foi aquela que já esperávamos: não.

* Tudo que tem corpo está limitado. As religiões estão limitadas pelas teologias que lhe são inerentes, as linhas espiritualistas e esotéricas pelos esquemas que as suportam, as doutrinas do espiritual pelas codificações, e nós estamos limitados pelo veículo corporal. O segredo está em saber que só temos fronteiras a ultrapassar, e viver no ilimitado.

Poderia mencionar-se aqui muitos mais contributos credíveis para testemunhar aquilo que estamos analisando. Nós somos, em actualidade, aquilo que a nossa alma aprendeu vivendo e que é objecto da sua evolução, através de múltiplas vivências na forma e que se destina a individualizar o espírito que somos no oceano do espírito absoluto.

O espírito imanente no homem é chamado o Cristo, filho unigénito do pai, e é somente através dele que chegaremos à casa divina.

Para isso, necessário se torna que a alma se purifique, a fim de se tornar virgem (a noiva) criando deste modo as condições necessárias para se unir ao Cristo (o noivo) e habitar a casa do Pai (nada mais que a parábola das noivas, de Jesus).

Deste casamento, que nenhum homem pode separar, advém o poder da palavra, o poder da cura, o poder da expulsão dos espíritos ignorantes, chamados maus, o poder a que se deu o nome de Espírito Santo, poder esse que não é nosso, mas de Deus.

*É interessante verificar-se que, na ciência védica, também existe o Deus transcendente, “Braman” e o Deus imanente, “Brama” o que não se entenda como panteísmo, porque são o mesmo.

Para ilustrar o que vimos expondo, abordaremos agora o processo da preparação dos apóstolos e seu envio a proclamar o Evangelho, que só teve lugar a partir do acto do Pentecostes, condição sine qua non.

Disse Jesus: “Recebei o Espírito Santo! A quem vós perdoardes os pecados ser-lhe-ão perdoados.”

Foi este um dos célebres textos profundamente esotérico que, através dos séculos, foi invocado para fins de organizações religiosas.

Entretanto, não tem esta frase de Jesus qualquer sentido evidente de organização colectiva. Ela é, na sua intencionalidade, totalmente mística, dirigida a homens individuais, homens espiritualmente iniciados por vivência interior.

Para o homem consciente e honesto na procura da verdade, a verdade é auto-suficiente, vale por si mesma, infinita e imutável, com ou sem os homens, porque assim disse Jesus:

“as portas do inferno jamais prevalecerão contra ela”.

“o Pai vos enviará em meu nome o espírito da verdade.

Ele vos introduzirá em toda a verdade e vos fará lembrar tudo que vos tenho dito.”

É esta a mensagem do espírito crístico, o Cristo interno: Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.

“Recebei o Espírito Santo”. Nesta frase dirige-se Jesus ao homem de per si, e não a qualquer organização. É atributo de alguns indivíduos, cujas almas atingiram as condições necessárias para o efeito.

Pode um indivíduo chegar a tal ponto de iluminação que a sua presença e actuação permitam, ao pecador receptivo, total doação ou perdão dos seus pecados, por inteira abertura de consciencialização da alma do chamado pecador, como foi no caso do bom ladrão, crucificado ao lado de Jesus.

As vibrações crísticas de Jesus cauterizaram, como fogo depurador, as feridas de pecado daquela alma completamente aberta ao fluxo do espírito do Cristo, pelo sofrimento de que era alvo, consciencializando-o da sua natureza divina.

Ninguém pode perdoar pecados, no sentido, simplesmente, de declarar inexistente um pecado existente, porque isso não seria verdade.

Seria um clamoroso atentado à sacralidade das leis cósmicas, que exige equilíbrio de justiça através do funcionamento rigoroso da lei de causa e efeito.

A justiça cósmica não pode dispensar ninguém de solver os seus débitos, visto que a vivência do bem e da chama do mal, é que dá conhecimento à alma, e é através desse conhecimento que o homem evolui.

Claro que existem atenuantes nas vivências de resgate, conforme a consciencialização dos actos negativos praticados.

A consciência do ser desenvolve-se no compreender e aprender em milhares de vidas em espiral, tornando-se cada vez mais abrangente em compreensão e em sabedoria, motivo porque consciencialização é sinónimo de evolução.

Santo é sinónimo de universal, cósmico. Perdoar só pode o verdadeiro homem sacro, o homem crístico, o homem repleto do Espírito Santo.

A santidade é conquista espiritual, da alma individual, ao atingir a culminância do ciclo evolutivo do plano hominal.

Todo o homem formado no reino de Deus – como Paulo de Tarso, Francisco de Assis e outros desta estatura espiritual – é o verdadeiro sacerdote, não por qualquer formalidade terrena ou exterior, mas pela vivência do Cristo, no mais íntimo da sua alma.

Francisco de Assis recusou ser ordenado, quando lho propuseram, porque considerou que já era ordenado por Deus, em iniciação espiritual interior.

Todo o homem que, dentro de si, se encontra ligado ao seu Cristo interno como expoente máximo da sua vida, expressa-se em nome de Deus. Por isso, o que ele determinar no mundo, será determinado nos céus, porque aquilo que ele fizer, não é ele que faz, mas o Pai que nele está.

Em determinada altura, diz Jesus aos seus discípulos: “ide, proclamai o evangelho, expulsai os demónios e curai toda a enfermidade”.

São espíritos chamados maus ou ignorantes, os chamados Demónios em termos latinos, Satã pelos judeus e Diábolos pelos gregos, como sendo, segundo o dicionário, “má aplicação por espíritos, das forças do bem”. Nós sabemos bem quem eles são: são nossos irmãos em atraso evolutivo.

O Diabo simboliza todas as forças negativas que perturbam o normal decorrer do trajecto evolutivo dos seres, porque ensombram e enfraquecem a consciência e fazem o ser virar-se para o indeterminado e para o ambivalente, centro da noite, por oposição ao centro da luz.

Essa ordem de Jesus pressupõe um poder. Se esta ordem de expulsar demónios e curar doentes não fosse possível, seria algo de inútil, pelo que pressupõe essa possibilidade.

Jesus considera que o reino de Deus está dentro do homem, que é algo aqui e agora mesmo, embora ainda latente aos olhos do homem. É um advento de dentro.

As perturbações mentais, influência dos maus espíritos, os problemas de saúde física (doenças), são próprios do nosso mundo, visto que, no reino de Deus, não há lugar para consequências negativas porque reina a perfeição.

Em parte alguma consta que Jesus esteve doente e, pelo contrário, ele foi sempre garantia de sanidade mental.

O ser verdadeiramente realizado possui uma alma, uma mente e um corpo, completamente sãos, conforme Jesus possuía.

Em certa altura escreve Tiago: “se houver entre vós algum doente, chame os presbíteros” (que eram homens espiritualmente despertados), “para que orem sobre o doente, e a oração da fé curará o doente, e, se estiver em pecados, ser-lhe-ão perdoados”.

A prática de curar foram os cristãos perdendo à medida que o tempo foi passando, devido à decadência do ensino cristão, que seguiu outros interesses, perdendo-se assim os requisitos necessários para promoverem as condições espirituais para o efeito.

Há quem pense – mesmo pessoas do âmbito de responsabilidades espirituais – que as curas físicas e mentais pela fé, não são parte do cristianismo.

* Daquilo que conhecemos, perguntamos se à doutrina espírita não vem acontecendo o mesmo. A resposta não a pretendemos dar, ficará na análise interior de cada um.

A proclamação do Evangelho crístico e sua concretização na vida, significa o advento do reino de Deus em toda a sua plenitude, que abrange o homem total, corpo, alma e espírito, enquanto no plano hominal.

Para que o homem possa compreender devidamente essa mensagem do mestre Jesus, deve ter uma noção nítida da sua íntima natureza, e não conhecer apenas a sua externa personalidade, o seu ego físico, mental e emocional, que são apenas periferias do seu eu central, que é o espírito, ou, no dizer de Paulo de Tarso, “o espírito de Deus que habita no homem”.

*É o que nós vimos incipientemente fazendo, na nossa actividade espiritual, como aprendizes do apostolado crístico, porque ainda não concretizámos o concretizável, numa tentativa conjunta de esforços com os nossos irmãos espirituais, expulsando, esclarecendo sem abandono, captando e transmitindo energias cósmicas no desejo da cura, pondo deste modo o exercício do amor fraternal em actividade, conscientes de que só podemos fazer aquilo que nos é possível fazer, no intuito de unir a terra ao céu.

A esperança viva do amanhã redentor está ao nosso alcance, assim o queiramos com todas as nossas forças, porque Jesus disse: “quem crê em mim também fará as obras que Eu realizo; e fará obras maiores do que estas”.

Está ao nosso alcance não como satisfação e desejo orgulhoso do nosso ego personal mas adquirindo a capacidade espiritual dos filhos de Deus, espalhando por todo o cosmos o amor divino de que Deus impregnará as nossas almas.

O advento do reino de Deus sobre a face da terra é a criação do homem integral, cósmico, crístico, a que se chama também a criança, “que é o filho do homem”.

Não foi por mero acaso ou por qualquer motivo fútil que Jesus, ao ensinar o Pai Nosso, incluiu a frase:

“venha a nós o teu reino”. É porque, na realidade, é lá o nosso lugar como seus filhos.

Por tudo isto envia Jesus os apóstolos ao mundo, dizendo: “proclamai a boa nova a todas as criaturas” e eles questionaram-no sobre as palavras a proferir, a que Jesus retorquiu: “não vos preocupeis com o que haveis de dizer, porque Deus porá nos vossos lábios, as palavras certas, que deveis dizer.”

Deve o Evangelho da redenção ser proclamado a todas as criaturas e não apenas aos considerados eleitos ou, ainda só, aos homens.

Francisco de Assis e alguns outros iluminados, antecipando séculos de evolução espiritual, ao que parece, realizaram essa última vontade de Jesus.

Falavam também ao mundo infra-humano, aos animais, aos peixes, às aves, aos insectos, às plantas, às pedras e até às águas do rio e ao fogo do sol.

Por isso, não nos admiramos que a alma de um pensador, num rasgo de intensa luz, nos tenha legado a simbólica conclusão a que chegou: “a alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”, numa luminosa e poética intuição espiritual.

Pensamos, por estar em consonância racional com a nossa visão da evolução, que toda a creatura está sujeita à corrupção e ao sofrimento por causa do homem pecador, mas quando o homem for plenamente remido da sua irredenção, também as outras serão remidas por intermédio dele.

Por ora diz ele: “geme toda a creatura em dores de parto, ansiando pela revelação dos filhos de Deus”.

Sendo o homem um microcosmo, uma síntese de todo o mundo infra-humano, quer do inconsciente como do subconsciente, só será remida a natureza inferior através da natureza superior, no estado de supra-consciência do ser.

A evolução do homem é um processo lento, gradativo, multimilenar, que só quando o homem se identificar plenamente com o espírito do Sermão da Montanha, terminará o processo da sua redenção, embora novas etapas se lhe deparem na eternidade das eternidades.

É tempo para restituirmos às palavras ditas por Jesus, intuídas do seu Cristo interno, o sentido puramente espiritual que elas tinham no princípio, sem a preocupação humana de favorecer os prestígios e ou interesses exteriores, ilusórios, do mundo.

O Evangelho do Cristo, que Jesus nos transmitiu, não se dirige a ninguém, nem a nada em particular, mas a toda a criação numa base de universalidade cósmica.

Se estes escritos foram explícitos naquilo que versaram, é natural que possamos imaginar como o homem e irmão Jesus curava, activando em si a potente energia de Deus que leva a doente velhinha a tocar-lhe e ficar curada. Pela mesma razão, não precisava de se deslocar, como o centurião romano já tinha intuído, mas apenas ordenar, pois ele e o Pai são um, em manifesto poder divino.

Como comprovação daquilo que aqui foi dito, se transcreve a própria declaração de Jesus:

“Em verdade, em verdade vos digo: o Filho, por si mesmo, não pode fazer nada, senão o que vir fazer ao Pai”.

Disse ainda Jesus: “Eu e o Pai somos um. Mas o Pai é maior do que todos”.

É este um sentimento que devemos adquirir com naturalidade, bem fundo na nossa alma, porque a acção espiritual não é possível sem que, subjacente à fluição do amor, se expresse a humildade e o único poder real - o poder de Deus.

13-08-2005

ABRAME